

3 1761 07048054 6





tel. 611365  
CARLOS R. ALVARES  
escritor  
Trab. simples e de livro  
Rua do Olivet, 262 - LISBOA





GUERRA JUNQUEIRO

---

# Poesias dispersas



PORTO

Editoria Chardron, de Lélo & Irmão, E.<sup>da</sup>,  
editores — Rua das Carmelitas, 144  
Millaud e Bertrand — Lisboa - Paris

1920



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto





POESIAS DISPERSAS

OBRAS DO MESMO AUTOR

*Velhice do Padre Eterno*, edição ilustrada.

*Pátria*,

*Finis Patriæ*.

*Oração ao Pão*.

*Oração à Luz*.

*A Lágrima*.

*Baptismo de Amor*.

*Vitória de França*.

NO PRÉLO:

*Heras de combate*.

*Clarões espirituais*.

---

PROPRIEDADE ABSOLUTA DOS EDITORES

---

GUERRA JUNQUEIRO

---

# POESIAS DISPERSAS



PORTO  
LIVRARIA CHARDRON,  
DE LÉLO & IRMÃO, L.<sup>da</sup>, EDITORES  
R. DAS CARMELITAS, 144  
AILLAUD E BERTRAND - LISBOA-PARIS

1920

*A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à Convenção de Berne — (Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1912).*



10  
J261  
G8P6  
1920

## DEDICATÓRIA

A. F.

Entre os teus dedos de opala,  
Sob a luz do teu olhar,  
Estas endechas sem fala  
Começarão a cantar.



MANHÃ



## MANHÃ

Que esplendor ! que vigor ! que graça ! que harmonia!

A pulverização da luz acaricia

Da floresta viçosa, atlética, possante

Os frescos vagalhões de verdura fragrante,

Que rolam da montanha em doidas gargalhadas,

Desgrenhando no azul as jubas inflamadas,

E inundando de sombra e de fôrça e d'amor

Os peitos maternais da natureza em flor !

Dir-se-ia um tropel de gigantes convulsos

Com lirsos colossais nos monstruosos pulsos,

Um ruidoso tropel de enormes Briareus

Levantando e agitando os braços para Deus,

Cheios de luz, de sons, de frémidos, de vida,  
E que ao verem de longe a campina florida  
Correm ávidamente alegres, como outrora  
Os robustos teutões de cabelos d'aurora,  
Ao verem com o olhar ingénuo e deslumbrado  
Ao longe a Itália a rir, branca no azul doirado!

Como isto dá saúde, alegre e robustece!  
Um ditirambo d'ouro aqui termina em prece  
E uma oração termina em vermelha canção.  
A morte não se vê nesta religião  
Da natureza; aqui tudo resplende e canta,  
Um sepulcro de planta é o berço doutra planta,  
E a vida é tão profunda e tão fresca e tão forte,  
Que está constantemente eliminando a morte.

Na floresta não há cruces nem caveiras.  
Os vermes sepulcrais aqui são trepadeiras,  
A flor não se baptiza, o roble não jejua,  
A lâmpada do sol e a lâmpada da lua  
Não precisam de azeite, os frescos arvoredos  
Abraçam-se dizendo adoráveis segredos

---

E casam-se à vontade a rir na luz imensa,  
Sem precisar de cura e sem tirar dispensa,  
Porque um dia os rosais votaram num concílio  
Que havia só um papa infalível, — Virgílio!

Que esplendor! que vigor! que amor! que plenitude!  
Eu quero mergulhar o corpo na saúde  
Da terra que produz as árvores frondosas!  
Quero aprender a ser vermelho com as rosas!  
Águas vivas da encosta a correr transmiti  
Para o meu coração a frescura que ri  
Nesse vivo cristal! Lírios brancos do monte,  
Vertei-me dentro d'alma e vertei-me na fronte  
Essa candura, intacta e virgem, de luar!  
Roussinóis, ensinai-me a chorar e a cantar!  
Abelhas, revelai-me a graça misteriosa  
Com que extraís o mel do cális duma rosa,  
Para eu extrair puras canções d'amor  
Duns lábios que também são como a rosa em flor!

Crianças, vinde rir, brincar, saltar, voar!  
Abri o firmamento azul do vosso olhar

Onde cantam não sei que aves do paraíso...  
O aroma do lilás transforma-se em sorriso  
Nessas bôcas em flor, cuja alegria pura  
Borboleteia em nós, como o sol na verdura!  
Para vos ver passar pelo caminho agreste,  
Abre a pervinca em flor o seu olhar celeste...  
Duma risada vossa, ó crianças vermelhas,  
Fez Deus no mês de Abril asas para as abelhas!  
Desprendeí a correr os cabelos dourados,  
Rasgai os aventais nas sebes dos valados,  
Encharcai-vos d'orvalho, estrelai-vos d'amoras,  
Perpassai, colibrís! Iluminai, auroras!  
Sêde um enxame d'oiro a rir pelos caminhos,  
Tendes berço, poupai por conseguinte os ninhos!  
Mas, como os Anjos são em Abril saltadores,  
Anjos, colhei, cortai aos braçados as flores  
Com que o Amor enfeitou as várzeas e as campinas!  
As rosas fê-las Deus para as mãos pequeninas.

E vós, noivas gentis, noivas de loiras tranças,  
Virgens que já côrais e que inda sois crianças,

Pombas em cujo seio o amor vai despontar  
Como um lírio d'aurora em urnas de luar,  
Vinde, correi também pelas profundas naves  
Dêste templo de Deus onde cantam as aves  
E vestidas de branco e de graça inocente,  
Pombas, deixai cair religiosamente  
A bênção partriarcial dos ramos da floresta  
No divino esplendor da vossa fronte honesta !...

1878.



O PRIMEIRO FILHO



## O PRIMEIRO FILHO

---

*(Carta ao meu querido amigo Bernardo Pindela)*

Entre tanta miséria e tantas coisas vis  
Dêste vil grão de areia,  
Ainda tenho o condão de me sentir feliz  
Com a ventura alheia.

A minha noite triste, à noite tormentosa,  
Onde busco a verdade,  
Chegou com asas d'oiro a canção côr de rosa  
Da tua felicidade.

És pai, viste nascer um fragmento d'aurora  
Da tua alma, de ti...

Oh, momento divino em que o sorriso chora,  
E em que o pranto sorri!

Que ventura radiante! oh que ventura infinda!  
Olimpicos amores!

Ter frutos em Abril com o vergel ainda  
Carregado de flores!

Deslumbramento!... ver num berço o teu futuro  
Sorrindo ao teu presente!...

Ter a mulher e a mãe: junlar o beijo puro  
Com o beijo inocente!...

Eu que vou, javali de flanco ensanguentado,  
Pelos rudes caminhos,

Ajoelho quando escuto à beira dum valado  
Os murmúrios dos ninhos!...

---

Em tudo que alvorece há um sorriso d'esperança,

Candura imaculada !...

E quer seja na flor, quer seja na criança

Sente-se a madrugada.

Quando, como um aroma, o hálito da infância

Passa nos lábios meus,

Vejo distintamente encurtar-se a distância

Entre a minh'alma e Deus.

A mão para apontar o azul, mão côr de rosa

Que aconselha e domina,

Será tanto mais forte e tanto mais bondosa,

Quanto mais pequenina.



CANÇÃO DE BATALHA



## CANÇÃO DE BATALHA

Que durmam, muito embora, os pálidos amantes,  
Que andaram contemplando a lua branca e fria...  
Levantai-vos, heróis, e despertai, gigantes!  
Já canta pelo azul sereno a cotovia  
E já rasga o arado as terras fumegantes...

Entra-nos pelo peito em borbotões joviais  
Este sangue de luz que a madrugada entorna!  
Poetas, que somos nós? Ferreiros d'arsenais;  
É bater, é bater com alma na bigorna  
As estrofes de bronze, as lanças e os punhais!

Acendei a fornalha enorme — a Inspiração.  
Dai-lhe lenha, — A Verdade, a Justiça, o Direito —  
E harmonia e pureza, e febre, e indignação;  
E p'ra que a lavareda irrompa, abri o peito  
E atirai ao braseiro, ardendo, o coração !

Há-de-nos devorar, talvez, o incêndio; embora !  
O poeta é como o sol: o fogo que êle encerra  
É quem espalha a luz nessa amplidão sonora...  
Queimemo-nos a nós, iluminando a terra !  
Somos lava, e a lava é quem produz a aurora !

DISTICO

.



## DÍSTICO

(Por baixo do *Cavalo da Morte* de Albert Durer)

O Cavalo da Morte avança a passo lento  
Com o pagem sinistro e o funebre mastim:  
Batalhador, chegou teu ultimo momento!  
Morre cantando! Solta o derradeiro alento,  
Com a espada na mão, num golpe de clarim !...



GRUPO ANTIGO

Dos festões de verdura opípara e frondosa,  
Que eu nas áureas manhãs de março, côr de rosa,  
Julgo por entre o sol e entre as névoas ligeiras,  
Ver Hercules a rir com Baco às cavaleiras !

IDEAL MODERNO



## IDEAL NEGATIVO

Lama, dissolução, fermentação de tudo,  
Esterquilínio pôdre, esterquilínio mudo,  
Onde a Vida repousa em embrião, em germe,  
Que desejas tu ser, ó lama infecta ?

Verme.

E tu ao ver do mar soturno, em que te banhas,  
A verdura que alegra os prados e as montanhas,  
Ao ver da terra o vasto e embalsamado Abril,  
Que desejas tu ser, monstro do mar ?

Reptil.

E tu, grilheta viva a contemplar de rastros,  
Florestas, vagalhões, nuvens, crateras, astros,  
O que desejas tu, em teu sonho idealista?  
— A asa para o vôo e a mão para a conquista.

Quadrúmano — gorilha, ourango, chimpanzé,  
Quási lóbos, no chão, quási gente, de pé!  
Ambíguos animais d'olhar manso e feroz,  
(Adão inda com cauda, almas inda sem voz),  
Que aspirações, fundas e estranhas, vos consomem?  
Qual é o teu ideal, gorilha hirsuto?

É o homem.

E tu da Natureza ó imorredora glória,  
Tu que em tantos milhões de séculos de história  
Conseguiste, num grande esfôrço triunfal,  
Pôr a prumo no globo a tua espinha dorsal,  
Tu que n'esse ascender de vértebras, que vai  
Da moreia no lôdo a Moisés no Sinai,

Resumiste o marchar sem fim da criação,  
Tu que foste Jesus, Budha, Mahomet, Platão,  
Tu, que encarnaste em mil heróis, em mil gigantes,  
Éschylo, Shakespeare, Isaías, Cervantes,  
Sócrates, Galileu, Newton, Darwin, Laplace,  
Tu, átomo de pó, que encaras face a face  
A eternidade, tu, Prometheu resolutu,  
Que pesas na tua mão, onde mal cabe um fruto,  
Quantos mundos a arder Deus arrojou no espaço,  
Tu que com teu olhar, teu cérebro, teu braço,  
Escravizas a luz, a terra, a água, o vento,  
Tu, cujo misterioso e imortal pensamento,  
Inquilino fugaz d'uma caveira a rir,  
Enche o universo desde o zénith ao nadir,  
Sabendo com o mesmo idêntico rigor  
Como nasce um planeta ou germina uma flor;  
Tu que depois de dar emfim, águia altaneira,  
Um balanço grandioso à natureza inteira,  
Estacaste assombrado, e perplexo e contrito,  
Contemplando o horroroso enigma do Infinito  
Dize, dize-me tu, ó débil criatura  
Em frente dessa eterna imensidade obscura

Onde, águia, o teu olhar é um carvão apagado,  
Que é que desejas, diz ! Prometheu fulminado,  
Qual a tua ambição, teu ideal incoercível ?

— É ser ou lódo inerte ou rochedo impassível !

1888.

AO LUAR



## AO LUAR

Andam milhões de pirilampus  
A relva fresca a iluminar,  
Como se houvera sôbre os campos  
Caído em gotas de luar.

Além na encosta as cerejeiras,  
Tôdas em flor n'este momento.  
Parecem ser bandos de freiras  
Que se evadiram dum convento,

Ou noivas tôdas já ves'tidas  
De linho branco ou de alva lã,  
Para casar às escondidas  
A luz da estrêla da manhã...

Boiam nas águas cristalinas,  
Entrelaçando-se dormentes,  
Cachos sonâmbulos de ondinas,  
Feitas de opalas transparentes,

Sotrindo frias, silenciosas,  
-- Sorriso último dum astro!... —  
Com lírios murchos e com rosas  
No alvor das frentes de alabastro...

Em luar dorido amortalhada,  
Morta d'amor, lânguidamente,  
Ofélia vai, branca e gelada,  
Na branca e múrmura corrente...

---

Do mar, sem trégua e sem descanso,  
As vagas fúlgidas d'espuma,  
Em longo e rítmico balanço  
Adormentando-se uma a uma,

São como tálamos esparsos,  
Leitos de arminhos, ao relento,  
Onde as sereias de olhos garços  
Vão, num delíquio sonolento,

Cantando a ária que arrebatava  
O navegante moribundo  
Para os palácios d'ouro e prata  
Que as ondas verdes tem no fundo...

Lá pelo azul da imensidade  
Entôa a lua clara e fria  
Não sei que Requiem de saúdade,  
Que Miserere de harmonia,

Que envolve e embala a natureza,  
— Filtro de luz estonteador! —  
Num sonho aéreo de incerteza,  
Num spasmo hipnótico d'amor...

E enquanto os beijos dos amantes  
Abrem as pétalas vermelhas,  
Andam os astros sintilantes,  
Enxame olímpico de abelhas,

Em doce frémito amoroso,  
Candidamente a fabricar  
No seu cortiço esplendoroso  
O favo argênteo do luar...

1899.

IN PACE — FINIS



## IN PACE — FINIS

Declaro-me aposentado.

Terminei. Ponto final.

Resta-me o céu estrelado

E as rosas do meu quintal.

Subi a montanha escura

Da Vida... Enorme ascensão:

Uns quatro metros d'altura

Acima do rés-do-chão!

Lançando um olhar profundo  
D'essa altura sôbre-humana,  
Vi quanto é pequeno o mundo  
E grande a miséria humana.

Vi a Traição e a Cobiça  
Fazendo festins riais  
No corpo nú da Justiça,  
As portas dos tribunais.

Belo como um Lacoonte,  
Vi um títan nas galés:  
Trazia a aurora na fronte  
E uma grilheta nos pés.

Cheio de dôr e respeito,  
Vendo êsse herói, perguntei:  
— Qual o teu nome ? — O Direito.  
— Qual o teu carrasco ? — A Lei.

Perante o pobre e o humilde,  
Vi sempre o Deus Sabaot  
Mandar mais oiro a Rotschild,  
Mandar mais estêrco a Job.

Vi que a história, um sonho breve,  
Na noite imensa e voraz,  
Se é Tacito quem a escreve,  
É Tibério quem a faz.

Vi que o «rei da criação»  
Foi, antes de ser o que é,  
Lôdo, esponja, tubarão,  
Reptil, condor, chimpanzé,

E que guarda (são baixezas  
Déssa origem que o infama),  
Nas mãos o sinal das presas,  
Na alma os sinais da lama.

Vi que o Mal do Bem se nutre,  
E que o Destino dispoz  
Para um Prometheu o abutre,  
E para um Cristo um algoz.

Guia-me apenas, distante,  
A luz ingénua da Crença,  
Vaga nebulosa errante  
Nas trevas da noite imensa ..

Por isso vim solitário  
Envolto, como ermitão,  
No rúde burel mortuário  
Dum pantéista cristão,

Cheio de tédio profundo,  
Enclausurar-me a final,  
Longe, bem longe do mundo  
No in-pace do meu quintal.

Rodeei-o com segurança  
D'altas muralhas sombrias,  
Para ter por vizinhança  
As nuvens e as colovias.

Mandei erguê-las, erguê-las  
Essas muralhas ao ar,  
Para que só as estrêlas  
Me pudessem ver chorar...

Eu quero ao menos, de rastros,  
Nos últimos estertores,  
Olhar o céu, e ver astros,  
Olhar a terra, e ver flores.

Este exílio a que submeto  
Minh'alma nesta clausura,  
É como que um lazareto  
As portas da sepultura.

Deixei só a fresta escassa  
Por onde caiba a vontade  
De fóra a mão da Desgraça,  
De dentro a mão da Piedade...

1889.

ELEGIA



## ELEGIA

A alegria da vida, essa alegria d'oiro  
A pouco e pouco em mim vai-se extinguindo, vai...

Melros alegres de bico loiro,  
Ó melros negros, cantai, cantai!

Ando lívido, arrasto o pobre corpo exangue,  
Que era feito da luz das claras madrugadas...

Rosas vermelhas da côr do sangue,  
Rosas abri-vos às gargalhadas!

Limpidez virginal, graça d'Anacreonte,  
Mimo, frescura, fôrça, onde é que estais?... não sei !...  
    Ó águas vivas, águas do monte,  
    Ó águas puras, correi, correi !

Eu sinto-me prostrado em lânguido desmaio,  
E a minha frente verga exausta para o chão...  
    Cedros altivos, sem mêdo ao raio,  
    Cedros erguei-vos pela amplidão !

A LÁGRIMA



## A LÁGRIMA

Manhã de junho ardente. Uma encosta escavada,  
Sêca, deserta e nua, à beira duma estrada.

Terra ingrata, onde a urze a custo desabrocha,  
Bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.

Sôbre uma fôlha hostil duma figueira brava,  
Mendiga que se nutre a pedregulho e lava,

A aurora desprende, compassiva e divina,  
Uma lágrima etérea, enorme e cristalina.

Lágrima tão ideal, tão límpida que, ao vê-la,  
De perto era um diamante e de longe uma estrêla.

Passa um rei com o seu cortejo de espavento,  
Elmos, lanças, claríns, trinta pendões ao vento.

— «No meu diadema, disse o rei, quedando a olhar,  
Há safiras sem conta e brilhantes sem par.

«Há rubins orientais, sangrentos e doirados,  
Como beijos d'amor a arder, cristalizados.

«Há pérolas que são gotas de mágoa imensa,  
Que a lua chora e verte e o mar gela e condensa.

«Pois brilhantes, rubins e pérolas de Ophir  
Tudo isso eu dou, e vem, ó lágrima, fulgir

«Nesta c'roa orgulhosa, olímpica, suprema,  
Vendo o globo a meus pés do alto do teu diadema !»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,  
Ouviu, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa.

Couraçado de ferro, épico e deslumbrante,  
Passa no seu ginete um cavaleiro andante.

E o cavaleiro diz à lágrima irisada:

«Vem brilhar, por Jesus, na cruz da minha espada!

«Far-te hei relampejar, de vitória em vitória,

Na Terra Santa, à luz da Fé, ao sol da Glória!

«E à volta há-de guardar-te a minha noiva, ó astro,

Em seu colo aureoal de rosa e de alabastro.

«E assim alumiarás com teu vivo esplendor

Mil combates de heróis e mil sonhos d'amor!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,

Ouviu, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa.

Montado numa mula escura, de caminho,  
Passa um vèlho judeu, avarento e mesquinho.

Mulas de carga atrás levavam-lhe o tesouro,  
Grandes arcas de cedro abarrotadas d'oiro.

E o vèlhinho andrajoso e magro como um junco,  
O cráneo calvo, o olhar febril, o bico adunco.

Vendo a estrêla, exclamou: «Oh Deus, que maravilha!  
Como ela resplandece e tremeluz e brilha!

«Com meu oiro em montão podiam-se comprar  
Os impérios dos reis e os navios do mar.

«E por êsse diamante esplêndido trocava  
Todo o meu oiro imenso a minha mão avara!»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,  
Ouviu, sorriu, tremeu, e ficou silenciosa.

Debaixo da figueira então um cardo agreste,  
Já ressequido, disse à lágrima celeste:

«A terra onde o lilás e a balsamina medra  
Para mim teve sempre um coração de pedra.

«Se, a queixar-me, ergo ao céu os braços por acaso,  
O céu manda-me em paga o fogo em que me abraso.

«Nunca junto de mim, ulcerado de espinhos,  
Ouvi trinar, gorgear a música dos ninhos.

«Nunca junto de mim ranchos de namoradas  
Debandaram, cantando, em noites estreladas...

«Voa a ave no azul e passa longe o amor,  
Porque ai ! nunca dei sombra e nunca tive flor !...

Ó lágrima de Deus, ó astro, ó gota d'água,  
Cái na desolação d'esta infinita mágoa !»

E a lágrima celeste, ingénua e luminosa,  
Tremeu, tremeu, tremeu... e cafu silenciosa !...

E algum tempo depois o triste cardo exangue,  
Reverdecendo, dava uma flor côr de sangue,

Dum roxo macerado e dorido e desfeito,  
Como as chagas que tem Nosso Senhor no peito...

E ao cális virginal da pobre flor vermelha  
Ia buscar, zumbindo, o mel doirado a abelha !...

25 de Março de 1888.

ADORAÇÃO



## ADORAÇÃO

Eu não te tenho amor simplesmente. A paixão  
Em mim não é amor, filha, é adoração !  
Nem se fala em voz baixa à imagem que se adora.  
Quando da minha noite eu te contemplo, aurora,  
E, estrêla da manhã, um beijo teu perpassa  
Em meus lábios, oh ! quando essa infinita graça  
Do teu piedoso olhar me inunda, n'esse instante  
Eu sinto, — virgem linda, inefável, radiante,  
Envolta n'um clarão balsâmico de lua,  
A minh'alma ajoelhar, trémula, aos pés da tua !

Adoro-te !... Não és só graciosa, és bondosa:  
Além de bela és santa; além de estrêla és rosa.  
Bemdito seja o Deus, bem dita a Providência  
Que deu o lírio ao monte e à tua alma a inocência,  
O Deus que te criou, anjo, para eu te amar,  
E fez do mesmo azul o céu e o teu olhar !...

1884.

O TEU ANIVERSÁRIO



## O TEU ANIVERSÁRIO

Pediste-me sorrindo, ó minha flor gentil,  
Uns versos às tuas vinte alvoradas de Abril.  
Vinte anos já!... não creio, estás equivocada...  
Enganas-te. Eu irei perguntar à alvorada  
Quantas vezes pousou em êxtase, ao de leve,  
A sua bôca de rosa em tua fronte de neve.  
Vinte anos! Podes crer, pomba que eu idolatro,  
Que se o corpo fez vinte, a alma, não: fez quatro.



## O TEU ANIVERSÁRIO

Pediste-me sorrindo, ó minha flor gentil,  
Uns versos às tuas vinte alvoradas de Abril.  
Vinte anos já!... não creio, estás equivocada...  
Enganas-te. Eu irei perguntar à alvorada  
Quantas vezes pousou em êxtase, ao de leve,  
À sua bôca de rosa em tua fronte de neve.  
Vinte anos! Podes crer, pomba que eu idolatro,  
Que se o corpo fez vinte, a alma, não: fez quatro.

A tua alma nasceu inefável, divina,  
Para ser sempre grande e sempre pequenina.  
É como a estrêla d'alva: enche o seu esplendor  
O mundo, e ela não enche o cális duma flor !...

1882.

F.



F.

Quantos astros tem o céu?  
Quantas ondas tem o mar?  
Quantos mares no meu peito!...  
Quantos céus no teu olhar!



CARTA A F.



## CARTA A F.

És tu quem me conduz, és tu quem me alumia.  
Para mim não desponta a aurora, não é dia,  
Se não vejo os dois sóis azúis do teu olhar.  
Deixei-te há pouco mais dum mês, — mês secular  
E n'essa noite imensa, ah, digo-te a verdade,  
Iluminou-me sempre o luar da saúde.  
E n'esses montes nus por onde eu tenho andado,  
Trágicos vagalhões d'um mar petrificado,  
Sempre adiante de mim, d'entre a aridez selvagem,  
Vi como um lírio branco erguer-se a tua imagem.

Nunca te abandonei ! Nunca me abandonaste !  
És o sol e eu a sombra. És a flor e eu a haste.  
Na hora em que parti meu coração deixei-o  
Na urna virginal d'esse divino seio,  
E o teu sinto-o eu aqui a bater de mansinho  
Dentro em meu peito, como uma rôla em seu ninho !

Trás-os-Montes, 1883.

EM VIAGEM



## EM VIAGEM

*(Carta a F.)*

Desde aquela dôr tamanha  
Do momento em que parti  
Um só prazer me acompanha,  
Filha, o de pensar em ti.

Por sôbre a negra paisagem  
Do meu ermo coração  
O luar branco da tua imagem  
Verle um benigno clarão.

A tarde, no azul celeste,  
Há uma estrêla esmorecida,  
Que é o beijo que tu me deste  
Na hora da despedida,

Beijo tão longo e dolente,  
Tão longo e cortado de ais,  
Que o meu coração pressente  
Que não te torno a ver mais.

Conto no céu estrelado  
Lágrimas de oiro sem fim:  
É o pranto que tens chorado,  
De dia e noite, por mim...

Quando me deito na cama  
E vou quási adormecido,  
Oigo a tua voz que me chama,  
Num suplicante gemido,

N'um gemido tão suave,  
Tão triste na noite escura,  
Que é como uma queixa d'ave  
Presa n'uma sepultura !...

Em sonho, às vezes, meu Deus,  
Cuido que vou a expirar,  
Sem levar nos olhos meus  
O teu derradeiro olhar,

♪ sem o extremo confôrto  
Que eu ness'hora quero ter:  
Beijar a fronte do morto  
Aquela que o fez viver.

E é esta ideia constante,  
É esta ideia sombria  
Que me eclipsa, a todo o instante,  
O sol da alma, a alegria.

Partir!... Partir-se a cadeia  
Da vida, Senhor, Senhor!  
Quando o azul doirado arqueia  
Bênçãos ao meu ninho em flor!...

Morrer amanhã talvez!  
Morrer!... Endoideço, quando  
Me lembra a tua viuvez,  
Entre dois berços chorando!...

Morrer, entregar à treva,  
Aos vermes e às podridões  
O meu coração, que leva  
Dentro mais três corações!

É duro, é cruel... No entanto,  
Antes da hora final,  
Eu quero dizer-te o quanto  
Te amei, lírio virginal!

---

Eu vinha de longe, exangue,  
A alma despedaçada,  
Deixando um rastro de sangue  
Nas urzes da minha estrada.

Branças ilusões mimosas,  
Vastas quimeras febris,  
Abelhas doirando rosas,  
Águias c'roando alcantis,

Oh, dêsse mundo risonho  
Havia apenas ficado  
A bruma vaga dum sonho  
Que a gente sonha acordado...

As três cordas coruscantes  
Da minha harpa sonora,  
Feitas de raios vibrantes  
De fogo, de luar, d'aurora

Tinham-se tôdas partido,  
Fibras do meu coração !  
Ou exalando um gemido,  
Ou blasfemando um trovão.

Eu era negro estandarte,  
Vélho pendão funerário,  
Nós escombros dum baluarte,  
Nas solidões d'um calvário:

Rasgou o vento a bandeira  
Em mil sinistros bocados,  
A voar na noite agoireira  
Tão negros, convulsionados,

Que eu próprio sismeï, fitando  
A amplidão cheia de horrores,  
Se eram mortalhas em bando,  
Se emigrações de condores !

---

Só me restava, sombria,  
A altivez d'eras passadas,  
Como armadura vazia  
De herói, morto a punhaladas.

Era o leão f'rído em combate  
Que busca, para expirar,  
A noite e a rocha onde bate  
A voz profunda do mar.

N'essa tremenda ansiedade  
É que tu verteste, flor,  
A tua imensa piedade  
Na minha infinita dôr !...

Eu era a sombra funesta  
E tu o clarão doirado;  
Juntamo-nos, que é que resta ?  
Um céu de maio estrelado.

Quando vais serena e calma,  
Linda, inefável, como és,  
Vou pondo sempre a minha alma  
No sítio onde pões os pés.

Corre o mundo, (o mundo é estreito)  
Podes mil mundos correr,  
Que hás-de calcar o meu peito  
Sempre por ti a bater !

Quando em teu seio impoluto  
Dormindo a fronte me cai,  
Vejo crianças de luto,  
Mil órfãos sem mãe, nem pai,

Que entre cravos e açucenas  
N'um jardim chorando estão...  
Os órfãos são minhas penas,  
O jardim teu coração.

Se rio, súbitamente  
Ficas tôda iluminada  
D'aquele oiro alvorescente  
E virgem da madrugada,

D'aquele oiro que flutua  
Em transparências maviosas,  
Com a candura da lua  
Tinta no sangue das rosas.

Meus sofrimentos partilhas  
E meus regosijos vãos:  
Minhas dores são tuas filhas;  
Meus cuidados teus irmãos.

Não há dif'rença nenhuma  
Em nossas almas, eu creio  
Que foram feitas só d'uma,  
Que Deus dividiu ao meio.

Por isso penso há dois meses,  
Desde a hora em que parti,  
Que morreria cem vezes  
Morrendo longe de ti.

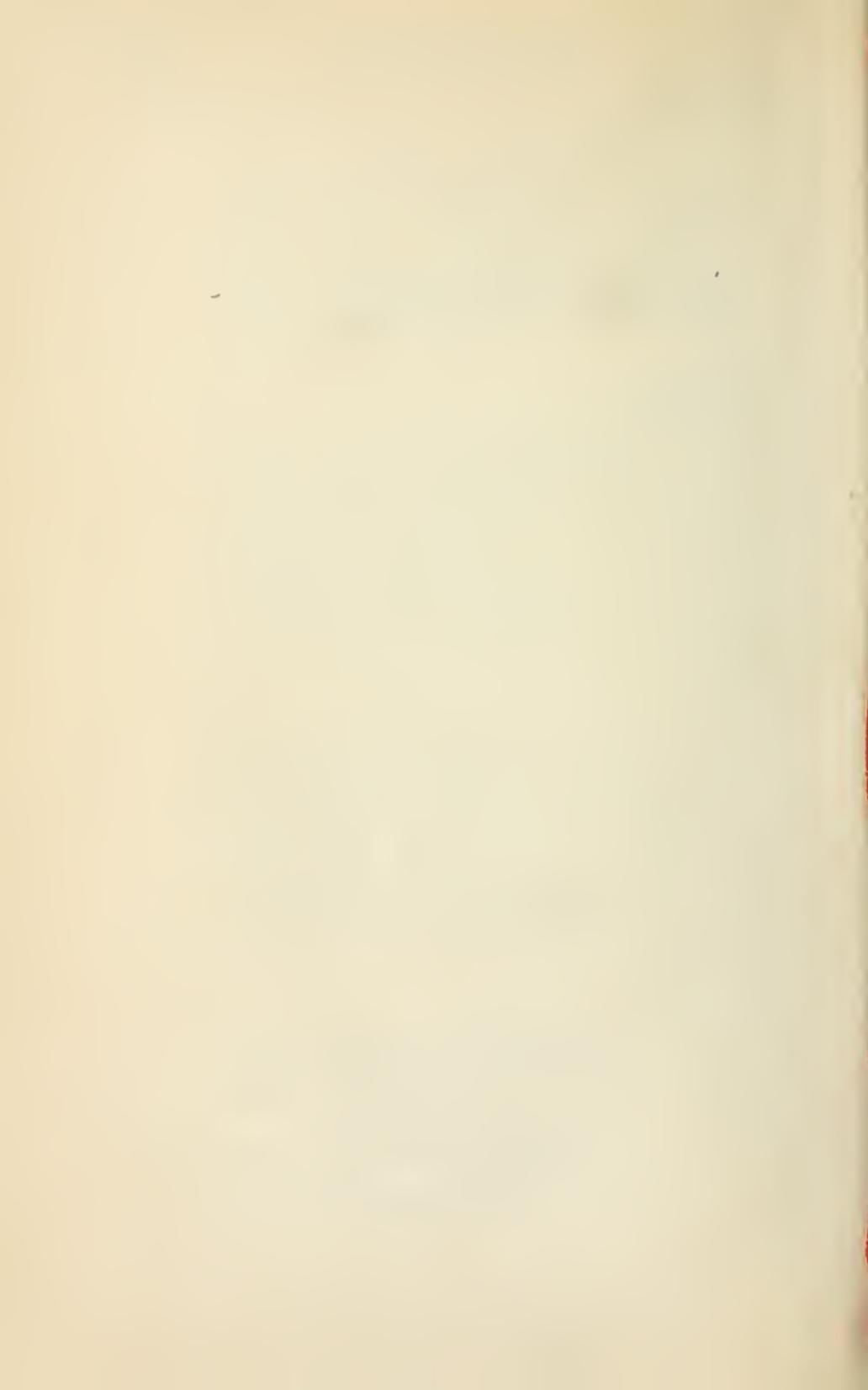
Mas ai ! se assim fôsse, quando  
Me sepultassem, então  
Estalariam chorando  
As tábuas do meu caixão.

E do meu peito gelado  
Na terra do cemitério,  
Brotaria ensanguentado  
Um lírio roxo, funéreo,

Um lírio estranho, imprevisto,  
Feito pela minha dôr  
Das cinco chagas de Cristo  
Reunidas n'uma só flor...

E a estrêla d'alva inocente,  
Cheia de dó tombaria,  
Lagrimosíssimamente,  
Na urna da flor sombria !...

Paris, 1887.



CARTA A MIMI



## CARTA A MIMI

Eu desejava, açucena,  
Para te escrever a ti,  
Que alguém me desse uma pena  
Da asa d'um colibri,

E fôsse uma cotovia  
Por essa amplidão sonora  
Molhar-ma ao romper do dia  
Na tinta fresca da aurora,

Tinta vermelha e doirada,  
Com que Deus fez de improviso,  
Há séculos a alvorada,  
E há meses o teu sorriso.

Depois, quando à tarde o sol  
Mergulha na imensidade,  
Pediria a um rouxinol  
Da minha antiga anizade,

A um rouxinol, que em junho  
Vem sempre aqui de visita,  
Que me escrevesse um rascunho  
D'uma carta tão bonita,

Tão mimosa e tão saúdosa,  
Que tu julgasses, ao lê-la,  
Que era d'um anjo a uma rosa,  
Que era d'um lírio a uma estrêla !

Ah, como a palavra zomba  
Da ideia! Desisto, amor!  
É o mocho a escrever à pomba;  
É o verme a escrever à flor.

Quisera palavras cérulas,  
Com a inocência infantil,  
E o mimo doce das pérolas,  
E a graça tenra d'abril;

Quisera versos, harpejos,  
E rimas d'oiro a cantar,  
Como um trinado de beijos  
N'um jasmineiro ao luar;

Quisera expressões e frases,  
D'um sentimento extra-humano,  
Cheirando a orvalho, a ilases  
E a rosas de todo o ano,

Expressões d'uma inocente  
Candura intacta d'arminho,  
Virgens como a água corrente  
E azúis como a flor do linho.

Mas não há verso, nem rima,  
Nem arte alguma, Mimi,  
Que do fundo d'alma exprima  
O amor que eu te tenho a ti.

Pois como hei-de eu concentrar  
Esta saúdade, esta mágoa  
N'um verso?... como há-de o mar  
Caber n'uma gota d'água?!  
-

Oh, é tal esta saúdade,  
E é já tão grande o desejo  
De te ver, que na verdade  
A tôda a hora eu te vejo.

Quando no azul transparente,  
Envolla em cãndido véu,  
Assoma divinamente  
A aurora — o pudor do céu,

Lembra-me essas setinosas,  
Mimosas faces vermelhas,  
Que dariam sangue às rosas  
E mel doirado às abelhas.

Quando vou pelos caminhos,  
Verdes como madrigais,  
E oiço o murmúrio dos ninhos  
Gorgeando entre os sinceirais,

Eu cuido que és tu, Maria,  
E essa ilusão não me espanta:  
Um berço que balbucia  
É igual a um ninho que canta!

Se vejo (cabeça louca !)  
As frescas rosas singelas,  
Confundo-as com a tua bôca,  
E vou-me aos beijos a elas.

Quando passa uma criança,  
Contradição singular !  
Vens-me tu logo à lembrança,  
E fico a rir... e a chorar.

Entre as silvas e os abrolhos  
Há miosótis de setim,  
Que eu julgo serem teus olhos  
Que estão a olhar para mim.

Nunca de ti me separo,  
Quer ande longe, quer perto:  
Tu és o sol sempre claro  
E eu sou o olhar sempre aberto.

Trago n'alma o teu retrato,  
Filha, nunca de lá sais...  
Nem há fotógrafo exacto  
Como o coração dos pais !

Tôda a minh'alma se enleva  
Só nesta recordação...  
Pois como havia de eu — treva  
Não pensar em ti — clarão ? !

Ah ! que abençoada existência,  
Ah ! que porvir cristalino,  
Vendo o azul d'essa inocência  
A rir sôbre o meu destino !

Em tudo quanto nos salva  
De tudo o que é baixo e vil,  
No horizonte — a estrêla d'alva,  
Nos campos — a flor d'Abril.

Em tudo o que a amar convida,  
Em tudo que nos seduz,  
Na infância — aurora da vida,  
Na aurora — infância da luz,

Em tudo eu vejo disperso  
O teu retrato, Mimi:  
Deus espalhou no universo  
O Amor, o reuniu-o em ti!...

Caldas de Visela → 1883.

A MINHA FILHA



## A MINHA FILHA

*(Vendo-a dormir)*

Que alma intacta e delicada !

Que argila pura e mimosa !

É a estrêla d'alvorada

Dentro d'um botão de rosa !

E, enquanto dormes tranqùila,

Vejo o divino esplendor

Da alma a sair da argila,

Da estrêla a sair da flor !

Anjos, no azul inocente,  
Sobre o teu hálito leve  
Desdobram cândidamente,  
Em pálio, as asas de neve...

E eu, urze má das encostas,  
Eu sinto o dever sagrado  
De te beijar, — de mãos postas!  
De te abençoar, — ajoelhado!

1885.

VENDO-A SORRIR



## VENDO-A SORRIR

*(A minha filha)*

Filha, quando sorris, iluminas a casa

D'um celeste esplendor.

A alegria é na infância o que na ave é asa

E perfume na flor.

Ó doirada alegria, ó virgindade santa

Do sorriso infantil!

Quando o teu lábio ri, filha, a minha alma canta

Todo o poema de abril.

Ao ver êsse sorriso, ó filha, se concentro  
Em ti o meu olhar,  
Engolfa-se-me o céu azul pela alma dentro  
Com pombas a voar.

Sou o sol que agoniza, e tu, meu anjo leiro,  
Es o sol que se eleva.  
Inunda-me de luz, sorri, polvilha de oiro  
O meu manto de treva !

1884.

ROMARIA



## ROMARIA

---

### PASSEIO MATINAL

*(Fragmento)*

Filhas, andai comigo ! Hora divina e mansa,  
Balsâmica manhã d'um junho verde em flor !  
Sobe da terra ao céu um frémito d'esprança,  
Baixa do céu à terra um hálito d'amor...

Translúcidas canções d'innocência e noivado  
Perpassam rindo... Exala aromas o vergel !...  
A bôca forma o beijo e a abelha o mel, doirado...  
Vem das almas o beijo e da corola o mel...

A madre-silva, a rosa, o cravo, a balsamina  
Vertem emanações edénicas no ar...  
E em cada verso poisa uma imagem divina,  
Como poisa num ramo um pássaro a cantar!

Sagrada comunhão d'heroísmo e d'alegria!  
Banquete d'abundância e de graça imortal!  
A luz, sangue do sol, vinho de eucaristia,  
Tocando os corações, deixa-os como um cristal.

Vinde comigo, vinde, ó pombas côr d'aurora,  
Vinde comigo, vinde, ó luz dos olhos meus,  
Que eu quero-vos mostrar a dôr que sangra e chora  
Sob o azul, cnde vós julgais que habita Deus!

Olhai a estrada, olhai... que madrigal tão triste!  
Como no olmeiro a vide os seus festões levanta!  
E um aleijado ao pé de cada tronco existe,  
E em cada ramo verde uma avezinha canta!

---

Olhai bem, olhai bem a infinita desgraça,  
Pústulas, podridões, cancos, miséria, dôr,  
Festim de sangue exposto aos olhos de quem passa,  
D'onde quem passa volve os olhos com terror !

Primeiro os cegos: um de frente taciturna  
Barbas de neve, o ar exlático e vidente  
De quem marcha, n'um sonho, através d'uma furna,  
Segurando na mão uma lanterna ausente...

Outros quási a sorrir, mesmo através dos crépes  
Da escuridão, sorriso ingénuo de criança,  
Lembram-me os divinais mendigos dos presepes  
Entre um boisito loiro e uma ovelhita mansa...

E as suas almas na noite espessa das clausuras,  
Em moradas sem luz, sem cânticos, sem ar,  
Vão ansiosas, lateando as sombras, às escuras,  
Debruçar-se detrás dos olhos sem olhar,

Como presos, no horror de negras enxôvias,  
Espreitando o clarão d'um sol que nunca vem,  
Batendo eternamente a duas frestas sombrias,  
Que eternamente um juiz mandou cerrar também!

Olhai, olhai este! O rosto cancerado,  
Tão carcomido, e o sangue em úlceras, tão preto,  
Que a máscara a cair já mostra o mascarado,  
E atrás da carne pôdre aparece o esqueleto!

E enquanto o azul deslumbra a natureza inteira  
Dia a dia êle assiste, e com inúteis ais,  
Á decomposição da cabeça em caveira,  
Como a fazem na terra as larvas sepulcrais!...

Engole o pão de Deus por uma chaga em brasa!  
Olha os astros por dois fontículos de pús!  
Da latrina da bôca a sãnie lhe extravasa...  
E o hálito... que horror!... Jesus! Jesus! Jesus!...

---

Vêde aquele: um montão de pústulas obscenas.  
E, à luz do sol que doira o laranjal e a vinha,  
Move-se esta ambulante ostreira de gangrenas,  
Cuja alma é talvez mais pura do que a mi...a!

Há-os ali que vão, as pernas torcionadas,  
De rastos como a cobra, — oh trágicas galés! —  
Pondo a bôca no lixo ignóbil das estradas,  
Pondo o olhar onde eu ponho a marca dos meus pés!

E os doidos semi-nús, rotos, apedrejados,  
A barba intonsa, a bôca espúmea, o olhar sangrento  
Ululando e dormindo as noites por silvados,  
Ou sob a telha vã dos cabanais, ao vento!

Vêde além n'uma enxérga uma cabeça enorme  
Em corpo de pigmeu infinitesimal!  
Esse monstro ali sonha, ali pasma, ali dorme,  
Insensível, fitando a vida universal!...

N'aquela aterradora e túrgida cabeça  
Vagueia-lhe inconsciente o espírito apagado,  
Como uma lua enfêrma, entre uma névoa espêssa,  
Transsudando um clarão atônico e gelado...

Filhas, tendes horror a tanta desventura,  
A tanta chaga hedionda, a tanta podridão,  
Vendo, enquanto gorgéia o ninho na espessura,  
Ulvar o sofrimento humano como um cão ? !

É que vós não sabeis o que é a vida, o globo  
Hecatombe que vai, sem tréguas, sem parar,  
Da raiz da açucena aos colmilhos do lobo,  
Da vossa própria boca à boca d'um jaguar !

Não sabeis, não sabeis quanta dôr, quanto luto,  
Quanta mágoa sem fim, chora, soluça e clama  
Na terra este candente e miserável fruto,  
Com a pôlpa de fogo envolucrada em lama !

---

Não sabeis, não sabeis que n'esta própria hora  
Milhões, milhões, milhões de vítimas sóbrias,  
A arder na mesma febre à luz da mesma aurora,  
Tendo na mesma carne as mesmas agonias,

Se contorcem no mesmo eterno matadouro,  
Sem um ai de piedade, uma oração d'amor,  
Indo engordar o estrume onde as abelhas d'ouro  
Zumbem na madre-silva e na verbena em flor !

.....  
.....



NATAL



## NATAL

Sôbre a palha loura  
Dorme, a rir, Jesus:  
Tudo a rir se doura  
De inocente luz.

Há no olhar etéreo  
Do boixinho bento  
Sonhos de mistério  
N'um deslumbramento...

Chegam pegureiros:  
Cregam-se ao redor,  
Tal e qual cordeiros  
Para o seu pastor.

Anhos que vem vindo  
Põem-se a medi'ar:  
Que zagal tão lindo  
Para nos guiar!

Ajoelham magos,  
Extasi profundo!...  
Com os olhos vagos  
No senhor do mundo...

E a banhada em pranto  
Mãe se transfigura,  
Por divino encanto,  
N'uma virgem pura.

DIVINO HUGO



## DIVINO HUGO

*Vivons et pensons à genoux.*

V. HUGO.

Em Hugo adoremos a flor da Poesia,  
A mística flor,  
Tecida com beijos de luz e harmonia,  
Gerada por alma da graça e do amor.

Em Hugo adoremos o génio bemdito,  
O génio sem par,  
Que mostra visível o Deus infinito  
Nas linhas da estátua de bronze ou granito,  
Nas sílabas pobres de um verso a cantar.

Em Hugo adoremos a voz da tristeza,  
Sinfónica voz,  
Rezando o calvário da Mãe-Natureza,  
Quer tábuas nas ondas, quer pão sobre a mesa,  
Quer fera na jaula, quer homem na cruz.

Em Hugo adoremos o meigo gigante,  
O claro titan,  
Que arrasa os baluartes do mal triunfante,  
E ampara a verdade com o seu montante,  
Brilhando na glória do sol da manhã.

Em Hugo adoremos o verbo de esperança,  
O Deus-Germinal,  
Que inflama as estrélas, os monstros amansa,  
Gorgeia na ave, sorri na criança  
E esplende na aurora do beijo imortal!

Mas como adorá-lo? Dando vida ao canto,  
Traduzindo o som:  
O hino piedoso, mais belo e mais santo,  
Não tem mais piedade, mais dorido encanto,  
Que a lágrima triste do mendigo bom.

Em Hugo adoremos o Deus que o inspira;

Será nosso irmão:

Irmana-se ao génio quem a Deus aspira...,

O fulgor que brota da mais alta lira

Cabe no mais rude, simples coração.

O Mestre adoremos, enlacemos palmas

Em tórno à Beleza, que é Verdade e Amor:

Seu olhar que doire nossas fronte calmas,

Venha a nós seu génio para as nossas almas,

Como a luz dos astros para a terra em flor!

1902.



MATER



## MATER

Se a morte, d'olhar grave e pensativo,

Dísse a mãe piedosa de Jesus:

«Teu filho é homem nos teus braços, vivo;

«Morto, teu filho será Deus na Cruz.

«Em teus braços deseja-lo cativo,

«Ou morto e Deus, jorrando sangue a flux,

«E a tôda a angústia dando um lenitivo

«E a tôda a escuridão perpétua luz?»

Que respondera, em lagrimoso anseio,  
Cravado o olhar nos astros sempiternos,  
A mãe de Cristo, unindo o filho ao seio?

Desprenderia de seus braços ternos  
O filho amado? Talvez não!... Dizei-o,  
Dizei-o vós, ó corações maternos!...

1895.

EVOLUÇÃO



## EVOLUÇÃO

Arde o corpo do sol, brotam feixes de luz:

O que é a luz ?

Sol que morreu.

Dardeja a luz, dardeja e pulverisa a fraga:

Vai nesse pó, que há-de ser terra,

A luz extinta.

Gerou a terra a seara verde:

Hastes e fôlhas da seara verde

Comeram a terra.

A seara é grada, o trigo é loiro:  
Deu trigo loiro,  
Morrendo ela.

Ô trigo é pão, é carne e é sangue:  
Sangue vermelho, carne vermelha,  
Trigo defunto.

Em carne e em sangue, eis o desejo:  
Vive o desejo,  
De carne morta.

Arde o desejo, eis o pecado:  
Que são pecados?  
Desejos mortos.

Queima o pecado o pecador:  
Nasceu a dôr; findou na dôr  
Pecado e morte.

A alma branca, iluminada,  
Transfigurada pela dôr,  
Essa não vai à sepultura,  
Porque é já Deus na criatura,  
Porque é o Espírito, é o Amor.

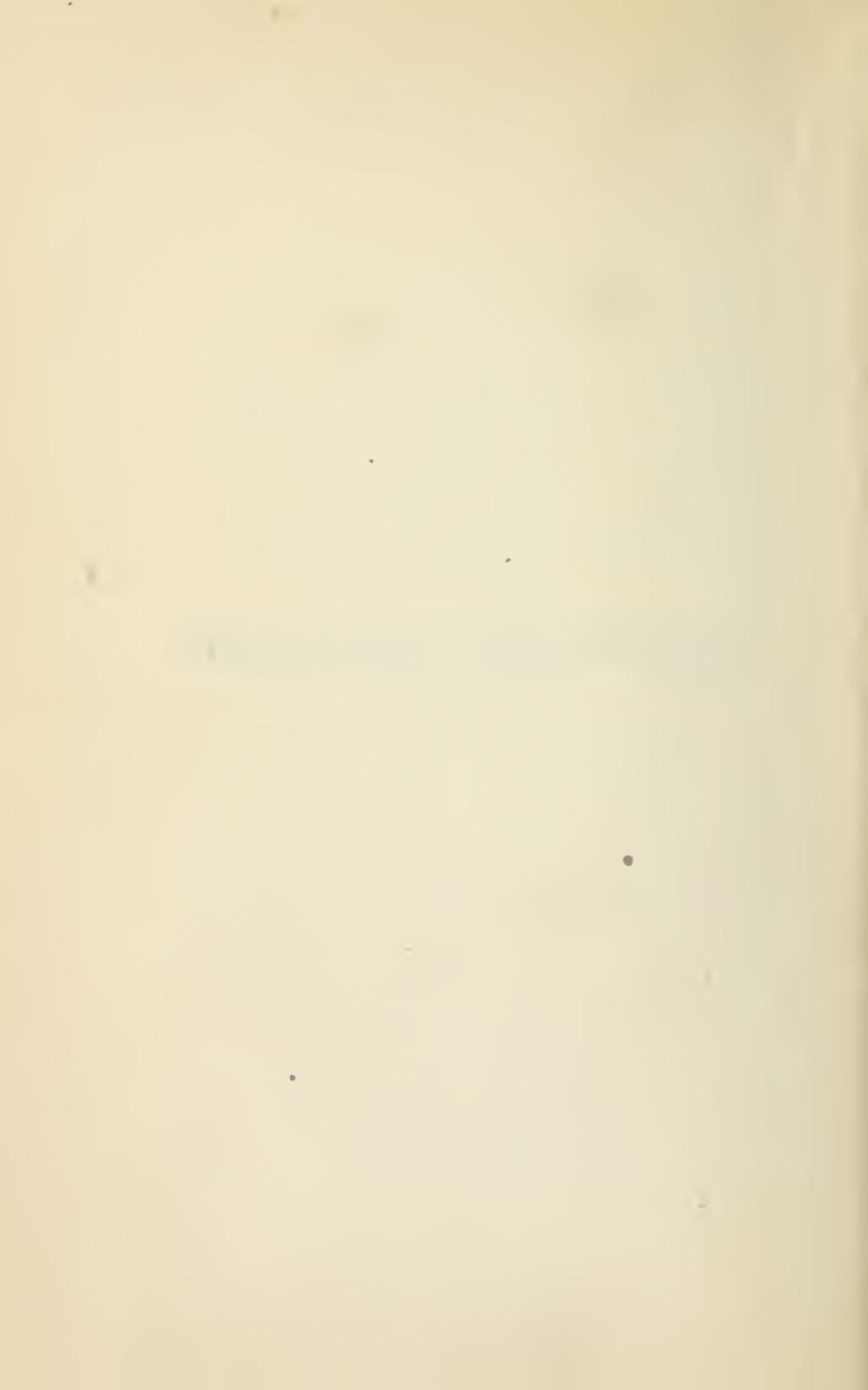
Na vida vã da terra sepulcral  
Só o amor é infinito e só êle é imortal!

Morreu a luz, pulverizando a fraga,  
Morreu a poeira, alimentando a seara:  
Morreu a seara, que gerou o trigo;  
Morreu o trigo, que deu vida à carne;  
Morreu a carne, que nutriu desejo;  
Morreu desejo, que se fez pecado;  
Morreu pecado, que floriu em dôr;  
Morreu a dôr, para nascer o Amor!

É só o Amor na vida sepulcral  
É infinito e é imortal!



A AGONIA DO CASTANHEIRO



## A AGONIA DO CASTANHEIRO

*(Fragmento)*

Ao bisavô gigante,  
Ao grande castanheiro ancestral da floresta,  
Vai chegar, vai chegar, o derradeiro instante!  
Três séculos viveu, e um minuto lhe resta  
De agonia!

O tronco inanimado e os braços cadavéricos  
Já não sabem se é noite ou se alvorece o dia!...  
Já não vêem da luz os êxtasis quiméricos,  
Já não ouvem do Imenso a vaga sinfonia!...  
É cega, é surda, é muda a árvore que outrora  
Quis, titânica, erguer-se aos astros imortais;  
Já desfeita, a raiz profunda, não devora,

Já o oiro vibrante e eléctrico da aurora  
Não lhe acorda a nudez dos braços espectrais !...  
Mas da vélha raíz, defunta e carcomida,  
No extremo nódulo da vida,  
Uma célula existe, a última e a primeira.  
Onde a alma, a tremer d'assombro, espavorida,  
Anseia no estertor da crise derradeira...  
É o átomo divino, a misteriosa essência,  
D'onde o corpo brotou com atlético ardor,  
E, que extinta essa forma, essa breve aparência,  
Volve ao abisino da existência,  
Eternamente criador.  
Ó instante supremo !... oh angústia !... oh tortura !...  
Oh vertigens de sonho !... oh noite !... oh podridão !  
Todo o infinito opaco à volta lhe murmura...  
E entre névoas de dor, de terror, de loucura,  
Ergue-se do passado a umbrática visão !...

Memórias vagas:

Foi semente,  
Embrião de monstro, alma latente  
Na terra negra a germinar,

---

E, aspirando n'um sonho obscuro, vagamente,  
Ao infinito, à vida, à luz vermelha, ao ar !...  
Oh êxtasi do ser !... frémito d'alva !... quando,  
A radícula ingénua e débil mergulhando  
No húmus tenebroso e surdo e criador,  
Abriu à luz, recém-nascida, palpitando,  
Duas folhinhas uni-trémulas, sem côr !...  
Vida !... deslumbramento !  
Sonho fluido !... mistério !... esplendor ! esplendor !

.....



A BISMARCK



## A BISMARCK

Lavas as mãos da infâmia e do sangue inocente,  
Monstro palibular ?  
Eternamente, eternamente, eternamente  
As poderás lavar,  
Ou na treva da noite ou no azul esplendente  
Ou no perdão de Deus ou nas águas do mar;  
Que o mar há-de ficar súbito purpurino,  
Vermelha a noite, em sangue o azul e o Criador,  
Sem que nunca as tuas mãos trágicas de assassino  
Jamais, jamais, jamais possam mudar de cor !  
Da tua hora final no último desmaio  
Hás-de erguê-las a Deus em fervida oração,

E, como a lança atrái a cólera do raio,  
A cólera de Deus sôbre ti chamarão.  
Porque, embora a tremer e unidas, suplicantes,  
Quanto mais no estertor para Deus as levantes  
Mais levantas, bandido, a própria acusação !  
E quando a glória fátua  
Um dia consagrar à poeira do teu nada  
O bronze de uma estátua,  
Ressurgirá da campa o teu fantasma exangue,  
Para lhe ir estampar sôbre a frente aureolada  
Com a mão de carrasco uma nódoa de sangue !  
Repara: o pedestal d'essa estátua sombria  
É um Gólgota de carne humana, espostejada  
A rubros temporais brutais de artilharia,  
Carnificina pôdre e infecta, amalgamada,  
Transsudando gangrena e pús de noite e de dia,  
Um milhão. um milhão de corpos já desfeitos  
Dormem nêsse sinistro e torvo muladar:  
E co'as garras crueis os corvos satisfeitos,  
Rasgando febrilmente as carcassas dos peitos,  
Exhumam corações de heróis inda a sangrar...  
E é sôbre êsse milhão de corações leoninos,

---

Corações da Germania e corações da França,  
Onde a vida bateu, em ritmos purpurinos,  
Alvoradas de amor e alelufas de esperança,  
É sôbre essa hecatombe imensa e fantasmática,  
Himalaia vermelho ensanguentando a história,  
Que, de bok na mão, a cachimbar, fleugmática,  
Assenta os pés de bronze a tua eterna glória!...

1891.



A UM HERÓI-REDEUTOR  
QUE VI EM SONHOS



A UM HERÓI-REDENTOR  
QUE VI EM SONHOS

Ao lampear da tua espada,  
— Nuno sem Mestre d'Aviz,  
Rufam marchas de alvorada  
Os corações juvenis!

É que ela emfim representa,  
N'este transe derradeiro,  
A joven noiva sangrenta  
Do orgulho d'um povo inteiro!

Um simples bocado d'aço,  
A dardejar em tua mão,  
Na noite negra do espaço  
Fez uma constelação.

D'entre as espadas formosas  
Nenhuma tão viva e bela!  
Môças, atirai-lhe rosas!  
Mães, pedi ao céu por ela!

Sonho essa espada guerreira,  
Em brasa, sôbre um altar,  
Entre festões d'ameudoeira  
E vozes d'oiro a cantar...

Na fôlha febricitante  
Arde um épico esplendor  
De heroísmo augusto e radiante,  
Irmão da Morte e do Amor!...

Venham adorá-la e vê-la,  
Como um filho adora um pai!...  
Na ponta luz-lhe uma estrêla...  
Ó aves do azul, gorgelai!...

Gorgelai-lhe uma ladainha  
Celeste, um cântico esparso,  
Como sôbre o trigo e a vinha  
Gorgeais nas manhãs de Março!

Vencida embora, que importa!  
Cravem-na rubra, auroreal,  
Na tumba da Pátria morta,  
— Vermelha cruz imortal!

Ah, um ferro que assassina  
Tem para nós tanto encanto,  
Como uma palma divina  
Nos dedos magros d'um santo!

Sôbre os seus ígneos lampejos,  
Como sôbre as verdes palmas,  
Volitam canções de beijos,  
Murmúrios sidéreos d'almas...

É que uma espada bem fria  
Faz-nos chorar e ajoelhar,  
Quer no peito de Maria,  
Quer nas mãos de Joana d'Arc !...

1891.

HINO DE ALGUM DIA



## HINO DE ALGUM DIA

*Ao degredado Abilio de Jesus*

O galo canta, o galo canta...

Rompe a manhã... vibra um clarim...

Justiça eterna! aurora santa,

Teu disco d'oiro se alevanta

Ao longe... emfim!

Canta a calhandra ao pé do arado...

Canta também, vilão ruim!

Já ninguém compra com teu gado

Mantos d'arminho ou de brocado...

Emfim! Emfim!

Já da Miséria, ó roto aldeão,  
Não faz a Infâmia o seu festim...  
Já com teu vinho e com teu pão  
Não dizem missa ao Deus Milhão  
Judeus... Emfim !

Soldado, enrama a tua espada  
De mirto e loiro e d'alecrim;  
Ei-la de pé, transfigurada,  
Radiante e ovante a Pátria amada...  
Emfim ! Emfim !

Já teu pendão não vês de rastros,  
Não, marinheiro ! Olha-o assim:  
Palpita épico nos mastros...  
Tem c'roa nova: um aro d'astros...  
Emfim ! Emfim !

O galo canta, o galo canta...  
Rompe a manhã, vibra um clarim...  
Justiça eterna ! aurora santa,  
Teu disco d'oiro se alevanta  
Ao longe !... Emfim !

E tu, cantor cruel d'outrora,  
Cultiva, obscuro, o teu jardim...  
Olhos no azul, fronte na aurora,  
Sonha, contempla, ajoelha, adora...

Em paz... Emfim !

1891.



CONFISSÕES



## CONFISSÕES

---

### I

Eu também sei, também, o que é o sofrimento,  
Profundo como o abismo incógnito do mar;  
Eu sei o que é a dôr, sei o que é o tormento  
De rugir de agonia e não poder chorar!  
Ó dôr, ó vélho abutre enorme e famulento  
Que nasceste comnosco e não morrerás nunca,  
Eu conheço-te bem, abutre ênsanguentado,  
O teu bico de bronze e a tua garra adunca,  
Que no meu coração tens tanta vez cravado!  
Como o vento que chora em noites tenebrosas,  
Quando o rei Lear anda, incerto e desgrenhado,  
Como choram na praia as ondas monstruosas,

A rolar, a estourar num contínuo vai-vem,  
Como o exilado chora em pé no tombadilho,  
Como choram os pais sôbre o caixão d'um filho,  
Também tenho, meu Deus, chorado assim, também !

Eu sei o que é andar nesta prisão da vida  
Em convulsões febris como o leão numida  
Dentro da jaula; eu sei o que é tombar desfeito,  
Sentindo um coração maior do que o meu peito  
A crescer, a bater com fúria, com ardor,  
— Rio desordenado a transbordar do leito,  
Mas um rio de morte e lágrimas, Senhor !  
Eu já tenho vertido o pranto que retalha,  
O pranto que calcina as nossas ilusões,  
Como o bronze inflamado a correr da fomalha,  
Como a lava a correr das bôcas dos vulcões.  
Quantas vezes, meu Deus, à noite não sucumbo,  
Vendo prostrado em terra o meu ardor leonino,  
E a vida me parece um féretro de chumbo,  
E eu uma sombra vã, sem rumo e sem destino,  
A marchar, a marchar pelo negro horizonte,

---

Sem ter, como Jesus, onde encostar a fronte,  
Sem um olhar qualquer d'uma existência pura,  
Sem um riso que brilhe, um astro que desponte,  
Na profunda nudez da minha noite escura !  
As quimeras d'abril, ó pálido romântico,  
Tenho-as visto cair desfeitas, uma a uma,  
Como caem bramindo os vagalhões do Atlântico,  
Ao baterem na rocha, em turbilhões de espuma,  
A minha mocidade, um plátano frondente,  
Onde vinham cantar à noite os roussinóis,  
E onde tremeluzia a luz do sol nascente,  
Como a glória que doura o sorriso aos heróis;  
A minha mocidade, iluminada e crente,  
Mais viva que o lampejo aéreo das espadas,  
Mais alegre que um rei e que um festim de noivos,  
Ei-la morta no chão, com as tranças douradas,  
Ensopadas em sangue e cobertas de goivos !  
Os meus sonhos ideais, puros como camélias,  
Eu tenho-os visto ir morrendo e perpassando,  
Alciones de luz em vaporoso bando,  
Fantasmas juvenis, lagrimosas Ofélias,  
Branças aparições do adro d'um mosteiro,

Pelos rios da noite a boiarem, cantando  
Com as bôcas de neve a canção do *Salgueiro*...

Mas o orgulho na dôr é o silêncio profundo,  
A profunda mudez...

E a minha dôr cruel eu não a conto ao mundo,  
Porque a não contaria à minha mãe talvez !

.....

## II

Quando o mar da tristeza em noites desoladas  
Rola dentro de mim uivando como as feras,  
E passa o desespero em trágicas lufadas,  
Da minha alma crestando as últimas quimeras:  
Quando o meu coração essa fornalha intensa,  
Quantas noites, ó noite, assim o não vês tu !

---

Debaixo do graniso horrível da indiferença,  
Gela como em Dezembro um proletário nú;  
Quando cái do meu lábio o riso vingador,  
Como uma espada cái das mãos dum moribundo,  
E, Lacoonte febril, me despedaça a dôr,  
A serpente imortal que deu a volta ao mundo;  
Quando entre a multidão ruidosa e triunfante  
Eu volvo para o lado o triste olhar incerto,  
E me contemplo só, mais só que o caminhante  
Enterrando os pés nus pelo areal deserto;  
Quando vejo da minha extinta mocidade  
Extintas sôbre o pó as purpurinas flores,  
E do meu peito corre a onda da saùdade,  
Como o sangue a correr do flanco aos gladiadores;  
Quando a bôa amizade, o bom e honesto Iago,  
O ratinho subtil na orelha do elefante,  
Erguendo para o céu o olhar nocturno e vago,  
Me imprime sôbre a face o beijo repugnante;  
Quando eu aniquilado, à noite, a sós comigo  
Deixo cair, cair as bagas do meu pranto,  
E o meu orgulho vão, como um herói antigo,  
Tomba por terra envolto em seu purpúreo manto;

Quando dorme tranqüila a natureza inteira  
Na doce quietação da paz universal,  
Quando o molosso dorme entre os fenos da eira,  
E às virgens aparece a flor da laranjeira,  
Em sonhos, rescendendo o aroma virginal;  
Quando a inocência dorme em leitos pequeninos  
Sob as asas de luz dos anjos do Senhor,  
Quando dormem talvez os próprios assassinos,  
E quando dormem já na treva os libertinos,  
E sôbre o ramo a ave e sôbre a haste a flor;  
Quando tudo repousa em silêncio profundo,  
E em tôda a vastidão misérrima do mundo  
Não se escuta um só ai e não se escuta um grito;  
Quando a noite, águia negra, emfim desdobra as asas,  
Consteladas de sóis e crivadas de brasas  
Sôbre este grão de areia a rolar no infinito;  
É então, é então que a minha dôr eterna,  
Com um rouco ulular e um bramir angustiado,  
Sái do meu coração, como duma caverna,  
Por noite funda, um tigre enorme e ensanguentado!  
É então que essa dôr me guia e me transporta  
Ao túmulo onde jaz o meu passado inteiro,

E é chorando que eu abro a inexorável porta,  
Como no escuro um doido e lívido coveiro  
Que vai desenterrar a própria filha morta !...  
Desço à cripta onde vejo à luz dos lampadários  
Avenidas sem fim de lúgubres caixões...  
Levanto-lhes a tampa, ergo-lhes os sudários  
E contemplo em silêncio os espectros mortuários,  
Das minhas, ai de mim, desfeitas ilusões !...

Uns são vultos de heróis, fantasmas de gigantes,  
Tendo ainda nas mãos adagas e broqueis...  
Em seus arneses d'ouro e em seus elmos ovantes  
Há laivos de metralha e rasgões de montantes  
E rombos do tropear das patas dos corceis...

Além primaveris fileiras de crianças,  
O sorriso lilás exânime, entreaberto...  
Astros do amanhecer, emigrações d'esp'ranças,  
Bandadas matinais de néveas pombas mansas  
Que partiram deixando o seu pombal deserto !...

Aqueles são legiões de aparições nocturnas,  
De eremitas senis, de múmias monacais,  
Que viveram rojando as frentes taciturnas  
Na mudez tenebrosa e côncava das furnas,  
Absortos no esplendor das glórias imortais...

Aqui virgens de neve em branco amortalhadas,  
N'um dorido palor de luz crepuscular...  
Nas pálpebras, na face e nas bôcas geladas  
Dir-se-ia que tem violetas esmagadas  
Sôbre macerações ebúrneas de luar...

Estes a cujo olhar um convulsivo espasmo  
Dá como que a feição de monstros das galés,  
Foram o Desespêro, a Cólera, o Sarcasmo,  
Titans de dôr, d'amor, de rancor, de entusiasmo,  
Com auroras na frente e uma grilheta aos pés !

E tudo isto que é lôdo e cinza vã e escória,  
Tudo isto dentro em mim sonhou, cantou, viveu !

---

Tudo isto foi a Esp'rança, a Juventude, a Glória,  
E hoje, ó destino amargo, ó ventura illusória!  
Tudo êste fermentar de podridões sou eu!

Sou eu, sou eu, sou eu tôda a imensa miséria  
Que vejo em mil caixões, n'um préstito sem fim...  
Quanta morte não há nesta cripta funérea!  
Quanta vida, Senhor, não palpitava em mim!

Quero chorar, e em vão!... nem me resta o confôrto  
Do pranto abrasador que queima e que alivia...  
Na visão do meu nada eternamente absorto  
Não sou mais que o fantasma insensível d'um morto,  
Uma estátua a marchar sonâmbula e vazia...

Treva, pavor, silêncio!... E na cripta gelada  
Só se sente que cái gota a gota no chão  
Sangue negro a manar d'uma urna quebrada,  
Onde dorme o meu triste e exausto coração!

## III

Quando cheguei um dia à praia onde se embarca  
Para o Destino, eu vi correr pelo mar fóra,  
Como um tálamo de oiro e púrpura, uma barca,  
D'onde vinham, ao som da lira de Petrarca,  
Risos em flor, canções d'amor, beijos d'aurora...

O grande oceano azul levava-a baloiçada  
Na curva triunfal do seu ritmo dolente,  
Qual um monstro amoroso e glauco de balada,  
Que, sentindo no dorso uma ninfa encantada,  
Se espreguiçasse hercúlea e voluptuosamente...

Iam n'ela em noivado as almas venturosas,  
A Juventude, a Graça, a Beleza, a Ilusão,

.

Desfolhando da Vida as pétalas mimosas,  
Vestidas de esplendor e c'roadas de rosas,  
Com tirsos aureoreais de pâmpanos na mão !...

Eufunava-lhe a vela um sôpro virgiliano,  
Vela de linho puro, alva como o luar...  
Até que se perdeu, singrando a todo o pano,  
Festim de Veroneso e Rubens é Ticiano,  
Na vasta apoteose olímpica do mar !...

Na praia ficou só uma nau de batalha,  
Um navio fantasma, espectral e silente,  
Com um negro pendão de luto, uma mortalha,  
Enodoada de sangue e rôta da metralha,  
A blasfemar no azul caliginosamente...

Embarquei n'essa nau de epopeia e má sorte,  
Argonauta cantando, a alma heróica em flor !...  
Dentro, ninguém !... Sòzinho, a descrever-lhe o norte,

A proa um capitão gelado e mudo, — a Morte,  
A pôpa um timoneiro, olhos de abismo, — a Dôr !...

Senhor ! Senhor ! Senhor !... que Destino me leva ?  
Aonde irei bater ?... Quem é que me conduz ?  
A Dôr fixou em mim, piedosa, o olhar de treva...  
E a Morte, como em sonho, ao luar, quando neva,  
Apontou no horizonte. extática, uma Cruz !...

.....

1878 — 1884.

## NOTAS

*Pag. 116 — «Hino d'Algum Dia»*

Foi escrito há cerca de 30 anos o «Hino d'Algum Dia», e a alvorada de glória, o dia de paz d'amor e de justiça não chegou ainda. Mas não descreio da minha Pátria. Ao cabo d'esta noite sinistra, depois d'uma longa e dura expiação, fatal e necessária, a aleluia heróica de Portugal brotará das almas. Nun'Alvares e Camões hão-de reviver.

*Pag. 117 — «Romaria».*

Infelizmente deixei esta poesia incompleta. A segunda parte era um hino religioso ao amor e à dor e à sua filha mais bela, a caridade. Só, amando e penando, chegaremos a Deus. A beatitude é um raio de luz celeste coado por uma lágrima.



## INDICE

---

	PAG.
Dedicatória... ..	5
Manhã... ..	11
O primeiro filho .....	19
Canção de batalha ... ..	25
Distico ... ..	29
Grupo antigo ... ..	33
Ideal negativo ... ..	37
Ao luar... ..	43
In pace-finis... ..	49
Elegia ... ..	57
A lágrima ... ..	61
Adoração ... ..	69
O teu aniversário ... ..	73
F. ... ..	77
Carta a F. ... ..	81
Em viagem ... ..	85
Carta a Mimi ... ..	99

	PAG.
A minha filha ... ..	109
Vendo-a sorrir ... ..	113
Romaria. ... ..	117
Natal ... ..	127
Divino Hugo ... ..	131
Mater ... ..	137
Evolução. ... ..	141
A agonia do castanheiro. ... ..	147
A Bismarck... ..	153
A um herói redentor que vi em sonhos... ..	159
Hino de algum dia... ..	165
Confissões ... ..	171
Notas ... ..	183

---

#### ERRATAS

Pag. 141, onde se lê: *Comeram a terra*, deve lêr-se: *Comeram terra*.







Livraria Charðron, de Léo & Irmão, Limitada  
Rua das Carmelitas, 144 — PORTO

EÇA DE QUEIROZ

<i>O Crime do Padre Amaro</i> ... ..	1 vol.
<i>O Primo Bazílio</i> ... ..	1 vol.
<i>O Mandarin</i> ... ..	1 vol.
<i>Os Maias</i> ... ..	2 vol.
<i>A Reliquia</i> ... ..	1 vol.
<i>Correspondência de Fradique Mendes</i> ... ..	1 vol.
<i>A Cidade e as Serras</i> ... ..	1 vol.
<i>A Ilustre casa de Rambores</i> ... ..	1 vol.
<i>Prosas Bárbaras</i> ... ..	1 vol.
<i>Contos</i> ... ..	1 vol.
<i>Cartas de Inglaterra</i> ... ..	1 vol.
<i>Ecos de Paris</i> ... ..	1 vol.
<i>Cartas familiares</i> ... ..	1 vol.
<i>Notas contemporâneas</i> ... ..	1 vol.
<i>Últimas páginas</i> ... ..	1 vol.
<i>Minas de Salomão, tradução</i> ... ..	1 vol.
<i>Revista de Portugal, publicação feita sobre a sua direcção e colaboração</i> ... ..	4 vol.
<i>Eça de Queiroz — Na inauguração do seu monumento — Discursos de Ramalho Ortigão, Luís de Magalhães, etc.</i> ... ..	1 vol.

COELHO NETO

<i>Sertão</i> ... ..	1 vol.
<i>A Bico de Pena</i> ... ..	1 vol.
<i>Água de Juventa</i> ... ..	1 vol.
<i>Romanceiro</i> ... ..	1 vol.
<i>Teatro, vol. I, (O Relicário, Os Ratos X, O Diabo no corpo)</i> ... ..	1 vol.
<i>Teatro, vol. II, (As Estações, Ao Luar, Ironia, A Mulher, Fim de Raça)</i> ... ..	1 vol.
<i>Teatro, vol. IV, (Quebranto, comédia em 3 actos, e o sainete Nãvem)</i> ... ..	1 vol.
<i>Teatro, vol. V, (O dinheiro, Bonança, e o Intruso)</i> ... ..	1 vol.
<i>Fabulário</i> ... ..	1 vol.
<i>Jardim das Oliveiras</i> ... ..	1 vol.
<i>Esfuge</i> ... ..	1 vol.
<i>Miragem</i> ... ..	1 vol.
<i>Apólogos, contos para crianças, com gravuras</i> ... ..	1 vol.
<i>Inverno em Flor</i> ... ..	1 vol.
<i>Mistérios do Natal, contos para crianças</i> ... ..	1 vol.
<i>Morto (O), memórias de um fuzilado</i> ... ..	1 vol.
<i>Rei Negro (O)</i> ... ..	1 vol.
<i>Capital Federal</i> ... ..	1 vol.
<i>A Conquista</i> ... ..	1 vol.
<i>A Tormenta</i> ... ..	1 vol.
<i>Trêva</i> ... ..	1 vol.
<i>Bunzo</i> ... ..	1 vol.
<i>Turbilhão</i> ... ..	1 vol.









PQ  
9261  
G8P6  
1920

Guerra Junqueiro, Abilio  
Manuel  
Poesias dispersas

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF PCS ITEM C  
39 10 05 25 03 004 8